

EDITORIAL DO DOSSIÊ

Religião e Música (parte I): estado da arte e apresentação

O presente dossiê da revista *Numen* é resultado de um crescente interesse por parte de pesquisadores/as em estudar as diversas possibilidades de se relacionar música e religião em perspectiva inter ou transdisciplinar.

Os proponentes do dossiê pesquisam há tempos as relações entre música e religião. O Prof. Arnaldo Huff (UFJF) recentemente concluiu estudos de pós-doutorado com pesquisa sobre “Religião e música: diálogos com Rubem Alves e Tom Jobim”. O Prof. Carlos Eduardo Calvani (UFS) tem se dedicado ao mesmo tema com incursões na MPB e nas missas musicadas em diferentes estilos. O Prof. Waldney Costa (UERN), por sua vez, escreveu tese doutoral relacionando religião, lazer e música entre evangélicos.

Arnaldo Huff, em recente verbete sobre os estudos de música e Ciência da Religião, destaca a relevância da experiência musical em todas as religiões, principalmente nos contextos litúrgicos e devocionais. Afinal, a música é anterior ao surgimento de qualquer sistema religioso organizado. Conforme Huff, “música e religião, na verdade, estruturam-se mutuamente. A música aparece em uma variedade imensa de ações religiosas: da formalidade dos rituais e das ações comunitárias à dinâmica individual da vida cotidiana” (HUFF, 2021, p. 689).

Apesar disso, pesquisadores da área demoraram-se a dedicar estudos a esse fenômeno. Os primeiros estudiosos que ajudaram a definir contornos e o recorte preciso das Ciências da Religião tiveram dificuldades para abordar expressões musicais de cunho religioso. Durkheim (1996), no clássico estudo sobre as religiões aborígenes, ao mencionar os ritos, reduz a importância da música, falando apenas em “cantos”, “danças” ou “movimentos e gritos”. Rudolf Otto (2007), embora mencione trechos de diferentes hinos religiosos, destaca apenas elementos literários e poéticos, omitindo qualquer referência à música que os acompanha. Possivelmente esses e outros autores não tinham uma sensibilidade musical muito aguçada para além do que conheciam da tradicional música europeia.

Pesquisadores da área de Teologia parecem estar mais interessados nessa relação. Alguns rápidos exemplos: Jeremy Begbie (2001), professor de Teologia Sistemática em Cambridge (UK), é também pianista, oboísta e regente. Para ele, a música é uma arte temporal, que nos oferece uma forma particular de participação na temporalidade e de evocar algo da natureza dessa temporalidade. Seu livro “*Theology, Music and Time*” identifica e interpreta temas teológicos em Mozart, Beethoven, Boulez, John Cage e Stravinsky, colocando em relevo as propriedades peculiares dos sons musicais e o modo como esses operam. A temporalidade seria para Begbie, a dimensão privilegiada para a revelação, enquanto a música seria o principal veículo de revelação.

Segundo exemplo é o trabalho de Ola Sigurdson (2001), professor de Teologia na Universidade de Lund (Suécia), que pesquisa música pop (Madonna, Bruce Springsteen, U2 e Bon Jovi) em perspectiva agostiniana, destacando formas através das

quais a música veicularia a insatisfação ontológica humana e a busca por plenitude de sentido (salvação). Conforme Sigurdson (2001, p. 39), “os que sabem articular esta fome do ser humano são os poetas e autores de letras de músicas, e não os teólogos”. Observamos, nesse caso, uma importante expansão no campo de pesquisa, e que se reflete de modo muito forte nesse dossiê – a hermenêutica de canções populares.

Essa relação entre canções populares e o imaginário religioso se estabelece, a princípio de quatro modos:

a) cooptação e utilização de canções por parte de sistemas religiosos, sobretudo quando reforçam dogmas e discursos oficiais. Nesse caso, as canções podem ser utilizadas na propaganda institucional de uma religião, absorvidas como reforço à espiritualidade pessoal, ou mesmo incorporadas aos ritos litúrgicos, como tem acontecido com canções de Roberto Carlos ou Renato Teixeira em missas católicas;

b) crítica a discursos e práticas religiosas, desnudando contradições e incoerências. Nesse caso, mesmo uma canção abertamente crítica ou contrária a dogmas teológicos está dialogando, reagindo e interagindo criticamente com a linguagem religiosa. Tais canções são veementemente rejeitadas por diferentes grupos religiosos, mas encontram boa receptividade em grupos secularizados, sobretudo entre os jovens.

c) Um terceiro modo é a exploração, sem preconceitos, de possibilidades dialogais nas quais interagem temas oriundos dos discursos explicativos, dogmáticos, de uma tradição religiosa e as preocupações ditas “seculares” de grupos étnicos, marginalizados ou sem vínculos religiosos muito rígidos. James Cone, por exemplo, já nos anos setenta, indicava a importância de *negro spirituals* para a identidade e autoestima de comunidades afroamericanas. Seu trabalho demonstra claramente que um processo de conversão semiótica permitiu que temas próprios do imaginário religioso cristão adquirissem novos significados, bem mais libertadores, para pessoas oriundas de comunidades religiosas afro-americanas. Afinal, a arte não opera no nível epistemológico da *adequatio* (adequação) à realidade, mas da *transformatio* (transformação), alteração da forma, em um nível completamente diferente, muito mais representativo em suas descrições poéticas e simbólicas, ou nas transfigurações visuais e performativas do real.

d) Ainda um quarto modo, correlato ao anterior, seria aquele em que o pesquisador identifica e interpreta elementos religiosos presentes como fundamento existencial na canção popular. Estariam ligadas, por exemplo, a este horizonte interpretativo ideias advindas da teologia da cultura de Paul Tillich, da teopoética de Rubem Alves, da estética teológica da música de Gerardus van der Leeuw, entre outros, aplicadas ao estudo da relação entre religião e canção.

O imaginário religioso, com toda sua força, requer formas de expressão, e essas não se dão apenas através de imagens pictóricas ou verbais, mas também de sons organizados temporalmente em formas musicais. O fenômeno musical é composto de elementos estruturais (o som, a melodia, a harmonia, o ritmo, etc.) que, quando organizados e executados simultaneamente, delineiam e determinam uma forma. Essa forma – a música, acompanhada ou não de uma letra – sempre se ofereceu como mistério e problema, apesar de seus encantos, ou justamente devido a estes encantos.

Quando surgiu a ideia de um dossiê sobre religião e música, os proponentes não imaginavam a repercussão da proposta. Afinal, para ainda sobre a música uma certa aura de devaneio e superficialidade, como se fosse algo que se desfruta apenas em momentos de descontração, descanso e relaxamento. Na verdade, esperavam poucos textos. Foi com surpresa que se depararam com tantas contribuições que justificaram a divisão do dossiê em duas partes – uma no presente número (2022/2) e outra no próximo (2023/1).

Neste volume, somos brindados com estudos que se debruçam sobre os temas acima citados. A hermenêutica de canções populares em diferentes estilos aparece nos sete primeiros artigos.

Os quatro primeiros visitam a obra de compositores já bastante reconhecidos da MPB. José Lima Júnior homenageia o Clube da Esquina, apontando elementos de sensibilidade religiosa em seis canções “con-sagradas”. Arnaldo Huff Júnior nos apresenta as inebriantes variações harmônicas, melódicas e rítmicas da bossa nova (em especial João Gilberto e Tom Jobim) como expressão de “ressignificação de nível existencial e religioso”. Gladir Cabral, por sua vez, visita uma canção de Gilberto Gil a fim de problematizar o campo religioso brasileiro, partindo do caso televisivo do “Chute na santa”, por um pastor da Igreja Universal. Na sequência, Ronaldo Cavalcante recupera temas religiosos típicos do estilo profético (denúncia, resistência e esperança) em três canções de Chico Buarque.

Os três artigos seguintes adentram a obra de compositores e intérpretes mais controversos e pouco pesquisados em meios acadêmicos. Vinícius Tobias demonstra o modo como BNegão e Walter Franco veiculam temas religiosos típicos como meditação, karma e autoaprendizado yoguín em suas composições, não apenas através da letra mas do trabalho acústico (“o som que age”). Na sequência, dois textos dedicados a bandas de *heavy metal* muito apreciadas por uma fatia da população que aprecia o que se abriga sob o guarda-chuva do rock. Daniel Rocha explora as relações entre escatologia bíblica e as apreensões escatológicas seculares em canções da banda Black Sabbath. Os temas escatológicos reaparecem no artigo de Nataniel Gomes, Gustavo Reis e Daniel Abrão, sobre as representações religiosas distópicas e apocalípticas na canção *Revelations*, da banda Iron Maiden.

Os três últimos textos abordam o potencial da música em instâncias e processos mais institucionais. Taylor de Aguiar e Artur Costa Lopes demonstram, a partir de pesquisa etnográfica em duas comunidades religiosas diferentes (Brasa Church e Igreja Católica de Santana), de que modo corporalidade e acústica se articulam em uma forma sensorial comum de forte apelo religioso, o *worship*. Em sequência, Joêzer Mendonça, utilizando-se do instrumental analítico de Pierre Bourdieu (especialmente o conceito de *habitus*), analisa como a teologia ajudou a moldar a produção musical adventista no Brasil. Finalmente, Ricardo Bastianelli e Marizete Andrade da Silva nos conduzem a refletir com mais rigor sobre o modo como os componentes curriculares de música e de Ensino Religioso aparecem na BNCC e nos currículos escolares, chamando a atenção para problemas semelhantes que reclamam por uma harmonização.

Com votos de boas leituras,

A comissão editorial deste dossiê,

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior (UFJF)
Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani (UFS)
Prof. Dr. Waldney de Souza Rodrigues Costa (UERN)

Referências

BEGBIE, Jeremy S. **Theology, Music and Time**. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes: 1996

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Música. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Loyola/ Paulus, 2022, p. 689-696.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal e EST, 2007.

SIGURDSON, Ola. Cantos do desejo: sobre música pop e a questão de Deus. **Concilium**, n. 289, Petrópolis: Vozes, 2001.